

O Fatalismo Matemático: a renúncia no pensar
Eixo 02 - Governamentalidade e subjetividade de massas

Karina Gonçalves Milhomem - FE (UNICAMP) – k200549@dac.unicamp.br
Orientação e Co-Autora: Dr^a Alexandrina Monteiro - FE (UNICAMP) –
alemath@unicamp.br

Este trabalho busca reivindicar a importância do ensino de filosofia no processo de formação do professor de matemática, oferecendo uma leitura crítica da performatividade e da produção de subjetividades associadas aos discursos neoliberais. O estudo de Dardot e Laval (2016) destaca elementos como a competitividade, o lucro e a concepção do indivíduo como uma empresa, elementos que permeiam o contexto educacional contemporâneo.

No cenário educacional, observa-se uma transformação que o configura como um campo de possibilidades para um futuro promissor, sendo moldado pela incessante busca por um padrão ideal de regência do alunado, conforme discutido por Laval (2019). No entanto, as propostas curriculares frequentemente privilegiam as ciências "duras" em detrimento das humanidades. Essa valorização, por sua vez, projeta um falso senso de neutralidade na formação matemática do alunado, afastando-os da realidade e criando um paradoxo - apesar da disciplina apresentar-se como uma ferramenta teórica na compreensão da realidade econômica, social e política permanece incompreensível e inacessível para muitos. Sua regulação e aplicação ficam a cargo daqueles que a proclamam como progresso.

Buscando possíveis linhas de fuga desse paradigma, propõe-se uma reflexão sobre uma potencial mudança nas práticas de ensino e no pensamento matemático, por meio da reivindicação do sujeito militante, conceito proposto por Gallo (2002) e integrado à formação do professor. Essa abordagem visa potencializar o papel do professor na construção da verdade no contexto matemático.

Ao negar uma transcendência puramente instrucional e adotar um papel de militância diante dos discursos predominantes, abre-se uma oportunidade para uma reflexão ética sobre o impacto que o professor exerce durante uma aula de matemática. Essa proposta de trabalho, no entanto, está longe de configurar-se como uma nova pedagogia e sim como uma tentativa de conceber um cuidado de si em relação a essa poderosa ferramenta de compreensão e interpretação do mundo, conforme discutido por Foucault (1970). Neste sentido, destaco que a integração da filosofia no ensino de matemática não apenas proporciona uma compreensão mais ampla e contextualizada da disciplina, mas também desafia as estruturas existentes que perpetuam a supervalorização das ciências exatas em detrimento de outros saberes. O professor, ao assumir um papel mais ativo e crítico, pode contribuir para uma educação matemática que promova não apenas o conhecimento técnico, mas também a consciência ética e social. Essa abordagem, ao reivindicar o sujeito militante no ensino da matemática, abre espaço para uma reflexão mais profunda sobre os valores e objetivos subjacentes a essa importante área do conhecimento. Desse modo, a pesquisa não apenas reforça a importância da filosofia na formação do professor de matemática, mas também estimula uma transformação nas práticas educacionais, visando uma abordagem mais crítica, ética e contextualizada no ensino dessa disciplina.

Palavras-chave: ensino de filosofia, formação do professor de matemática, subjetividades, governamentalidade, neoliberalismo.

Principais Referências Bibliográficas

1. DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
2. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3a edição. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996..
3. GALLO, S. Em Torno de uma Educação Menor. Educação & Realidade, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 10 jan. 2024.
4. LAVAL, C. A escola não é uma empresa: neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.